

MARY BENSON - Nelson Mandela (o herói e o revoltoso).
Brasiliense, 1987, 266 páginas.

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo
D.L.C.V. - USP

Mary Benson já não vive na África do Sul, sua pátria, desde 1966. Talvez (ou sorrento) por isso resto possa falar tão à vontade de quer, embora preso incommunicável há vinte e cinco anos, é a pessoa que mais fala ao coração dos negros sul-africanos. Nelson Mandela (o herói e o revoltoso), 266 páginas, Editora Brasiliense, confirmará esse fato ao leitor.

Em 18 de julho de 1918, nascia em Qunu, perto de Umtata, a principal vila da "reserva" Transkei, Nelson Mandela. Recebeu, como membro da família dos heróis, educação tradicional, e, desde cedo, foi-lhe inculcido o senso da responsabilidade. Embora revelasse firmeza e rapidez para reagir à prepotência, injustiça e despotismo, mostrou-se sempre bondoso e popular. Quando, na escola, veio a estudar a Guerra dos Boers de 1899 (luta entre os boers - sul-africanos de descendência holandesa, huguenote e alerã - e ingleses), percebeu quão desastrosas consequências traz uma guerra civil. Mais do que isso, aprendeu que, por mais hostis fossem os confrontos entre os grupos brancos, eles sempre se uniriam, quando deparassem com o "swart gevaar", o perigo negro, o problema nativo.

E foi essa lição recebida na escola, associada a tantas outras aprendidas em anos de militância no Congresso Nacional Africano, recheadas da reditação nas horas intermináveis e irrecuperáveis da prisão, que deu força a Mandela para rechazar a liberdade que o Presidente Peter W. Botha "lhe ofereceu" no dia 31 de janeiro de 1985, em pronunciamento na Assembleia Sul-Africana, com a condição de que se compromettesse "a não mais planejar, instigar ou cometer atos de violência visando a promoção de objetivos políticos". A decisão anunciada pela própria filha de Mandela, Zindzi, através de mensager ao povo reunido no anfiteatro de Jabulani, em Soweto, foi taxativa: "Não posso dar e não darei qualquer garantia enquanto eu e vocês, meu povo, não estivermos livres. Sua liberdade e a minha não podem estar separadas. Eu voltarei." A reunião no anfiteatro de Jabulani havia sido preparada pela UDF para homenagear Desmond M. Tutu, o ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1984.

E é Desmond Tutu que prefacia essa biografia de Mandela, escrita por Mary Benson, por julgá-la extremamente qualificada para escrevê-la. Na opinião do bispo anglicano de Johannesburgo, lutando por justiça e paz na África do Sul, ela pagou caro seu comprometimento: sul-africana branca (tais um dos paradoxos daquele rico país), sofreu prisão domiciliar e banimento.

Escritora e jornalista, residindo atualmente em Londres, Mary Benson organizou seu livro baseada em entrevistas com Nelson Mandela, anteriores a sua prisão; em informações da família, amigos e companheiros íntimos do líder; em escritos e declarações de Mandela perante a Corte, publicados em duas coleções: No easy walk to freedom e The struggle is my life. O resultado está aí: uma narrativa interessante, que capta os momentos decisivos na vida do revolucionário: suas lutas, ainda como estudante de Direito, no CNA; a fundação, com amigos, da Liga da Juventude; a militância radical antiapartheid a partir de 1948; a entrada na clandestinidade; as viagens pelo país e pelo exterior; a queda e subsequente condenação à prisão perpétua.

Entre outras muitas, a leitura de Nelson Mandela induz-nos à seguinte reflexão: quanto mais tempo o governo branco mantiver fisicamente preso Nelson Mandela, tanto mais ele estará livre para espiritualmente comandar lutas arrastadas e desarrastadas contra o apartheid, "essa política insana", na África do Sul.